

Institucionalização infantil e educação em saúde: revisão integrativa

Child institutionalization and health education: integrative review

DOI:10.34119/bjhrv4n2-061

Recebimento dos originais: 04/02/2021

Aceitação para publicação: 08/03/2021

Bruna de Souza Diógenes

Mestrado em Fonoaudiologia

Instituição: Centro Universitário Uninorte

Endereço Rua Tapajos, 365, Isaura Parente. Rio Branco Acre

E-mail: fga.brunadiogenes@gmail.com

Eder Ferreira de Arruda

Mestre

Instituição: Centro Universitário Uninorte

Endereço: Rua Bandeirantes II, Nº 470, T. Neves, Rio Branco - Acre

E-mail: ederarrud@gmail.com

Viliane Lima da Silva

Doutorado

Instituição: Centro Universitário Uninorte

Endereço: Rua Jasmim, 04, TropicalL

E-mail: vili_lima@hotmail.com viliane.silva@uninorteac.edu.br

Eufrasia Santos Cadorin

Mestrado em Ciências da Saúde na Amazônia Ocidental (UFAC, 2019)

Instituição: Centro Universitário Uninorte

Endereço: Alameda Alemanha, 200 - Jardim Europa, Rio Branco - AC, 69915-901

E-mail: eufrasia.cadorin@uninorteac.edu.br

Yara Martins Gurgel

Bacharelado em Fonoaudiologia

Instituição: Autônoma

Endereço: Estrada do Amapá, TV santa Helena, s/n, Rio Branco-AC. 69923899

E-mail: yara.martins.gurgel@gmail.com

Isabela Nicoli de Araujo Lopes

Bacharelado em Fonoaudiologia

Instituição: Humanamente - Terapias integradas

Endereço: Rua Pelegrino, Nº 142 - Recanto dos Buritis, Rio Branco Acre

E-mail: fga.isabelalopes@gmail.com

Jessica Amorim de Carvalho Nery

Pós graduanda em distúrbios da Fala e Linguagem

Endereço: Travessa Ico, número 257 - Bairro: Estação experimental - Rio Branco - Acre

E-mail: jessica_amorim_@hotmail.com

RESUMO

Esta revisão integrativa objetivou descrever os efeitos de atividades de educação em saúde na melhoria das condições de vida de crianças institucionalizadas. A pesquisa ocorreu através dos bancos de dados SciELO, Google Acadêmico e BVS, de onde foram selecionados artigos publicados entre 2009 a 2019. Foram critérios de exclusão: resenhas, dissertações, teses, anais de congresso e boletins epidemiológicos. Os resultados evidenciam que crianças institucionalizadas apresentam baixos escores de desempenho escolar, diversos problemas emocionais e frequentes atrasos no desenvolvimento neuropsicomotor, principalmente na área da linguagem. Todavia, os estudos analisados apontam que intervenções com foco na Educação em Saúde, implantadas precocemente e com a colaboração de diferentes agentes, podem trazer benefícios, minimizando estes impactos e contribuindo para o contexto educacional, na melhoria da convivência, crescimento dos laços afetivos e nas mudanças de posturas e condutas dos cuidadores, o que contribui direta e efetivamente para o bem-estar dos sujeitos assistidos.

Palavras-chave: Abrigo, Criança Institucionalizada, Desenvolvimento Infantil, Educação em Saúde.

ABSTRACT

This integrative review aimed to describe the effects of health education activities in improvement of living conditions of institutionalized children. The research took place through the SciELO, Google Scholar and VHL databases, from which articles published between 2009 and 2019 were selected. Exclusion criteria were: reviews, dissertations, theses, conference proceedings and epidemiological bulletins. The results show that institutionalized children have low scores on school performance, several emotional problems and frequent delays in neuropsychomotor development, mainly in the area of language. However, the studies analyzed point out that interventions focused on Health Education, implemented early and with the collaboration of different agents, can bring benefits, minimizing these impacts and contributing to the educational context, improving coexistence, growing affective bonds and changes in postures and behaviors of caregivers, which directly and effectively contribute to the well-being of the assisted subjects.

Keywords: Children's home, Institutionalized Child, Child development, Health education.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, o atendimento à saúde, no Brasil, foi marcado por seu caráter assistencialista, pontual e verticalizado, muitas vezes deixando de lado as interações e participação popular (BACKES *et al.*, 2016). No entanto, atualmente, a literatura já desvela a importância de atividades de Educação em Saúde como uma estratégia eficaz para o atendimento integral ao sujeito, uma vez que está pautada em saberes e práticas orientadas para a prevenção de doenças e promoção da saúde (FIGUEIRA; SOUZA; FARIAS, 2015).

Segundo Silva, Pelazza e Souza (2016), educação e promoção da saúde são medidas e programas que ultrapassam as fronteiras dos atendimentos necessários que visam reduzir a dor humana. Apesar dos atendimentos assistenciais serem necessários, se limitam ao efeito das terapias e das medicações, não intervindo na causa ou na recidiva dos adoecimentos de uma dada população.

Tendo em vista a importância das condições ambientais no desenvolvimento de um indivíduo, bem como a privação de estímulos a que crianças institucionalizadas estão sujeitas, observa-se que são pessoas que compõem um grupo de risco para alterações globais (ABREU, 2002; HALPERN; FIGUEIRAS, 2004).

Sabe-se que o abrigo é uma modalidade de acolhimento institucional para crianças e adolescentes que não podem ficar com seus pais biológicos, provisória ou definitivamente, devendo ser uma medida excepcional, utilizada somente quando esgotados todos os esforços para manter a criança/adolescente na família e na comunidade (FRANCO; LOPES; LOPES-HERRERA, 2014).

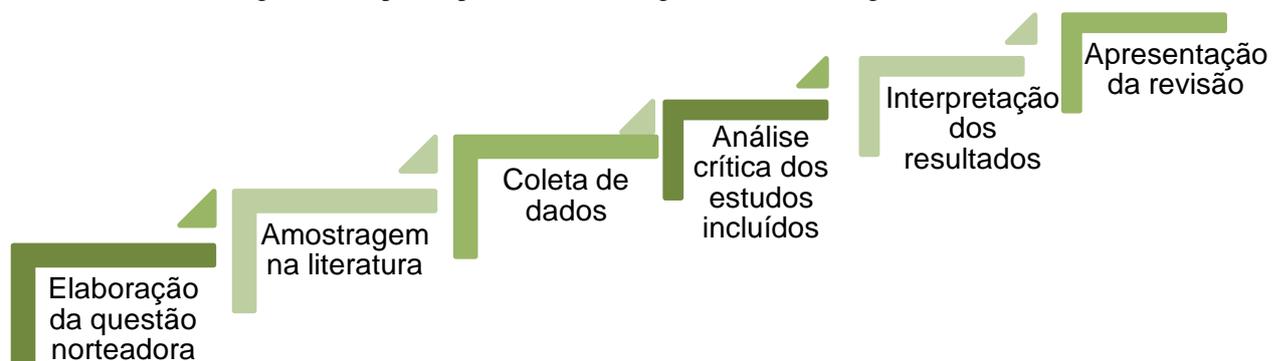
Os efeitos de um período de institucionalização prolongado têm sido apontados na literatura por interferirem na sociabilidade e na manutenção de vínculos afetivos na vida adulta, constatando-se que as sequelas serão maiores de acordo com a idade da criança no momento em que for afastada da família; conforme o tempo em que estas forem privadas do convívio familiar; e o tempo de espera, que interfere não só na adaptação em caso de retorno à família de origem, mas também nos casos de inserção definitiva em outra família. Tais fatores podem ser minimizados através de uma melhora na qualidade da assistência oferecida pelos abrigos. Isso significa dizer que as reações nocivas, em longo prazo, diminuem com o aumento da idade da criança na entrada à instituição, e com a presença de um leque de atividades que possibilite engajamento (SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2006).

Assim, o presente estudo tem por objetivo descrever, por meio de um levantamento de produções científicas, os efeitos de atividades de educação em saúde na melhoria das condições de vida de crianças institucionalizadas.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, método que permite “a síntese de conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática” (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010, p. 102). A pesquisa seguiu as seis etapas sugeridas por Ganong (1987): 1) identificação do tema e definição da questão de pesquisa; 2) busca ou amostragem na literatura; 3) coleta de dados; 4) análise crítica dos estudos incluídos; 5) interpretação dos resultados; e 6) apresentação da revisão/síntese do conhecimento, conforme a figura 1.

Figura 1 - Etapas do percurso metodológico da revisão integrativa.



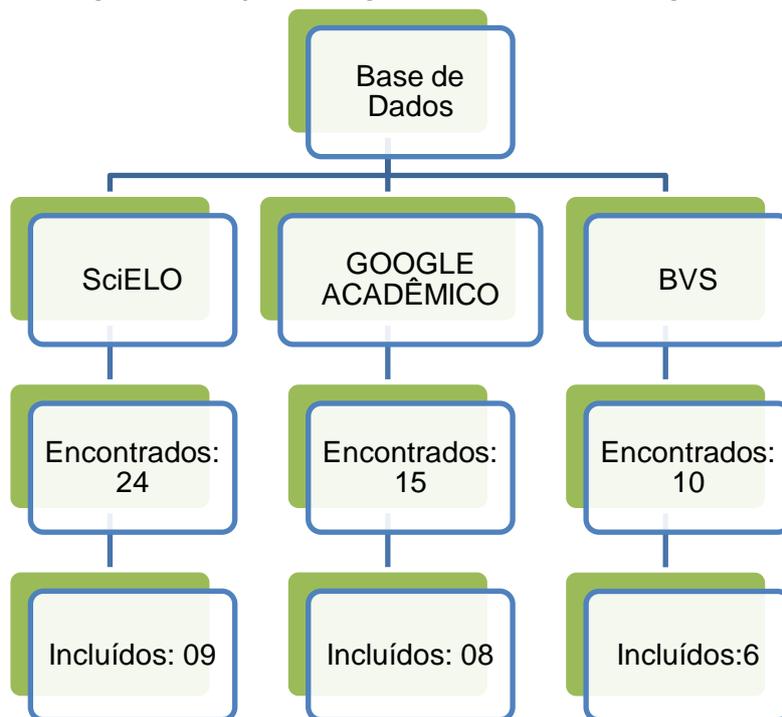
Fonte: os autores

Na primeira etapa, foi formulada a questão norteadora: quais os efeitos das atividades de educação em saúde junto a crianças institucionalizadas? A segunda etapa configurou-se pela busca na literatura. A mesma aconteceu nas plataformas da Scientific Electronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico, utilizando os descritores em ciências da saúde (DeCS) “Educação em Saúde” AND “criança institucionalizada” e “abrigo” AND “desenvolvimento infantil”.

Foram adotados como critérios para seleção dos artigos: estudos completos, publicados entre os anos de 2009 a 2019. Por sua vez, foram excluídos: resenhas, dissertações, teses, anais de congresso e boletins epidemiológicos.

Após a busca foram localizados 49 estudos, sendo 24 da plataforma SciELO, 15 do Google acadêmico e 10 da BVS, conforme disposto na figura 2. Estes foram submetidos a uma leitura flutuante, na qual foram analisados seus títulos e resumos. Excluíram-se, nesta etapa, 26 estudos, equivalente a toda a produção não relacionada com o escopo da pesquisa.

Figura 2 – Fluxograma de seleção dos artigos incluídos na revisão integrativa da literatura.



Fonte: os autores

Após esta etapa, 23 artigos foram pré-selecionados e submetidos à leitura integral. Esta análise possibilitou identificar, dentre estes trabalhos, 14 artigos relacionados às características e implicações da institucionalização infantil e 09 estudos que se propuseram a realizar atividades de educação em saúde junto a essa população. Tendo em vista a relevância das duas abordagens e a interrelação existente entre elas, todos estes 23 artigos foram selecionados para análise aprofundada, contemplando estas duas grandes categorias.

Posteriormente, estes estudos foram organizados, categorizados e fichados para levantamento das informações relevantes, em planilha Excel, sendo extraídos dados como: título do estudo, autores, ano de publicação, periódico publicado e objetivo do estudo.

Em seguida, a análise e síntese dos dados extraídos dos artigos foram realizadas de forma descritiva, o que permitiu examinar e classificar os dados. Destacou-se a apresentação dos resultados e sua análise discursiva, que objetivaram reunir o conhecimento motivado sobre o tema referido nesta revisão integrativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do presente estudo foram divididos em duas categorias, a saber: “Características e implicações da institucionalização infantil” (Quadro 1) e “A importância da Educação em Saúde como ferramenta na promoção de saúde e prevenção dos agravos” (Quadro 2).

Quadro 1- Caracterização das produções científicas sobre as características e implicações da institucionalização infantil.

TÍTULO/ AUTORES / PERIÓDICO/ ANO	OBJETIVOS
Crianças institucionalizadas e crianças em meio familiar de vida: Representações de vinculação e problemas de comportamento associado. / PINHEL, J. <i>et. al.</i> / Análise psicológica/ 2009.	Avaliar se as representações dos modelos internos de vinculação em crianças institucionalizadas são diferentes de crianças em meio familiar de vida com um nível socioeconômico equivalente e verificar até que ponto crianças institucionalizadas manifestam mais comportamentos agressivo, de isolamento e hiperatividade.
Crianças e Adolescentes Institucionalizados: Desempenho Escolar, Satisfação de Vida e Rede de Apoio Social. / SIQUEIRA, A.C; DELL'AGLIO, D.D. / Psicologia: Teoria e Pesquisa / 2010.	Investigar as características de jovens institucionalizados e suas famílias.
Preditores de sintomas depressivos em crianças e adolescentes institucionalizados. / ABAID, J.L.W. <i>et. al.</i> / Universitas Psychologica / 2010.	Investigar eventos de vida estressantes, variáveis psicossociais (número de irmãos, configuração familiar e tempo de institucionalização) e preditores de sintomas depressivos em crianças e adolescentes institucionalizados
Vivências de exclusão em crianças abrigadas / BUFFA, C.G. <i>et. al.</i> / Psicologia: Teoria e Prática / 2010.	Investigar como a condição de abrigo permeia as vivências e relações dessas crianças na escola, com base nas narrativas de crianças e técnicos de um abrigo.
Características emocionais e traços de Personalidade em crianças institucionalizadas e não Institucionalizadas/ SANTOS, B.C.A. <i>et. al.</i> / Boletim de psicologia/ 2010.	Comparar características psicológicas de crianças institucionalizadas e não institucionalizadas.
Análise do nível de desenvolvimento da linguagem em crianças abrigadas / NÓBREGA, J.N; MINERVINO, C.A.S.M. / Psicologia Argumento/ 2011.	Analisar o desenvolvimento da linguagem em crianças abrigadas em comparativo à crianças de creches.
Resiliência em crianças e adolescentes institucionalizados/ CORDOVIL, C. <i>et. al.</i> / Acta Med Port. / 2011.	Identificar fatores de resiliência e a sua associação com a presença de psicopatologia em crianças/adolescentes de três Instituições de Acolhimento da área da Grande Lisboa.
Prevalência de atraso do desenvolvimento Neuropsicomotor em pré-escolares/ TORQUATO, J.A. <i>et. al.</i> / Journal of Human Growth and Development / 2011.	Verificar a prevalência de atraso do desenvolvimento neuropsicomotor em pré-escolares
Perfil do desenvolvimento neuropsicomotor e aspectos familiares de crianças institucionalizadas na cidade do Recife / LIMA, A.K.P.; LIMA, A.O. / C.E.S. Psicología/ 2012.	Caracterizar o perfil do desenvolvimento neuropsicomotor e identificar a constituição familiar de crianças de 0 a 4 anos, institucionalizadas, na cidade do Recife.
Linguagem receptiva e expressiva de crianças institucionalizadas. / FRANCO, E.C. <i>et. al.</i> / CEFAC/ 2014.	Verificar o nível de desenvolvimento da linguagem de crianças que estão em abrigos e compará-lo ao de crianças que sempre permaneceram com a família biológica.

Desempenho de vocabulário em crianças Pré-escolares institucionalizadas. / MISQUIATTI, A.R.N. <i>et. al.</i> / CEFAC/ 2015.	Verificar o desempenho de vocabulário de crianças institucionalizadas e comparar com o desempenho de crianças pertencentes à rede pública e particular de ensino.
Enhancing the language development of toddlers in foster care by promoting foster parents' sensitivity: Results from a randomized controlled trial/ RABY, K.L. <i>et. al.</i> / Developmental Science/ 2018.	Examinar a eficácia de uma intervenção preventiva precoce na melhoria das habilidades de vocabulário receptivo de crianças colocadas em um orfanato.
Trocas Afetivas de Crianças em Acolhimento Institucional. / KAPPLER, S.R; MENDES, D.M.L.F. / Psicologia: Ciência e Profissão/ 2019.	Identificar e caracterizar as trocas afetivas e tentativas destas, em contextos de interação criança-criança e criança-educador.
Perfil biopsicossocial de crianças e adolescentes institucionalizados/ COSTA, C.C. <i>et. al.</i> / Acervo Saúde / 2019.	Caracterizar, quanto aos aspectos biopsicossociais, à população de crianças e adolescentes em situação de acolhimento institucional em um município da região centro-oeste de Minas Gerais.

Tendo como base os estudos listados na categoria 1, evidencia-se que os impactos da institucionalização infantil refletem predominantemente em atrasos no desenvolvimento do sujeito acolhido, e estendem-se para as esferas biopsicossocial, afetiva, emocional e escolar.

Ao tentar compreender a realidade de crianças em situação de acolhimento, o presente estudo preocupou-se em levar em consideração o fato de que elas estão, necessariamente, passando por um período de privação, configurando-as como um grupo de vulnerabilidade. Segundo Franco, Lopes e Lopes-Herrera (2014) esta privação pode ter iniciado antes mesmo de chegarem ao abrigo, uma vez que apresentam histórico de experiência familiar associada à rejeição, abandono, negligência e vitimização, o que repercute tanto no psicológico desses sujeitos quanto na habilidade de adaptação ao acolhimento.

Dito isso, e sabendo que as boas condições ambientais e de relação entre as crianças e o outro são fatores determinantes para o seu desenvolvimento (NÓBREGA; MINERVINO, 2017), a institucionalização é apontada como fator de risco para o desenvolvimento infantil (ABAID *et al.*, 2010).

Por outra perspectiva, Kappler e Mendes (2019) apontam na institucionalização aspectos protetivos e promotores de bem-estar, como as possibilidades de construção de novos vínculos afetivos com pares, educadores sociais e demais funcionários, o que pode cumprir um papel da maior relevância para o desenvolvimento, suprimindo, em parte, a falta de convivência com a família biológica.

Alguns estudos (CORDOVIL *et al.*, 2011; SANTOS *et al.* 2010) relatam que crianças institucionalizadas podem apresentar maior agressividade, sentimento de hostilidade e de inadequação, falta de contato social, ansiedade, timidez, tristeza,

impulsividade e instabilidade emocional, bem como sentimento de incapacidade, podendo chegar à afirmação de que elas apresentam mais problemas emocionais do que as crianças não institucionalizadas.

Comparando a crianças que vivem em ambiente familiar, crianças institucionalizadas são menos seguras e apresentam menor coerência das representações de vinculação, além de pior desempenho cognitivo verbal (PINHEL; TORRES; MAIA, 2009). São frequentemente vítimas de preconceito na escola e, muitas vezes, o próprio abrigo não apresenta papel ativo na desconstrução desse preconceito (BUFFA *et al.*, 2010). Outros estudos (COSTA *et al.*, 2019; SIQUEIRA; DELL'AGLIO, 2010) constata, ainda, o uso de álcool e drogas com início precoce, alto índice de repetência, baixa escolaridade e baixos escores de desempenho escolar.

Quanto ao desenvolvimento neuropsicomotor, pesquisas (LIMA; LIMA, 2012; TORQUATO *et al.*, 2011) indicam atrasos, ou suspeitas destes, em mais de uma área, chamando atenção para um maior comprometimento na área da linguagem, sendo inclusive apontado que crianças em situação de acolhimento institucional apresentam maior índice de distúrbios de linguagem, além de desempenho vocabulário abaixo do esperado para a idade e inferior ao desempenho de pré-escolares de escolas pública e privada que residem com suas famílias (ABREU, 2002; MISQUIATTI *et al.*, 2015) apresentando, desta forma, maior risco para o desenvolvimento da linguagem receptiva e expressiva (RABY *et al.*, 2018).

Destro e Souza (2012) sugerem que essas dificuldades de linguagem e comunicação nas pessoas em situação de vulnerabilidade são efeitos da constituição sócioafetiva, das condições precárias de acesso, de pertencimento e de circulação social a qual estão expostas. De certa forma são sujeitos que estão na sociedade, mas não estão incluídos nela, estando em espaços que não são capazes de permitir que construam destinos pessoais e comunitários capazes de formar cidadãos.

Quadro 2- Caracterização das produções científicas sobre a importância da Educação em Saúde como ferramenta na promoção de saúde e prevenção dos agravos.

TÍTULO/ AUTORES / PERIÓDICO/ ANO	OBJETIVOS
Um espaço para ser: sociopsicodrama em um abrigo para crianças / PINTO, A.C.B. <i>et al.</i> / Rev. bras. Psicodrama / 2009.	Apresentar experiência de intervenção sociopsicodramática com crianças abrigadas, portadoras de HIV.
Intervenção em terapia ocupacional em casas-lares Com crianças pré-escolares vítimas de violência doméstica: relato de experiência/ LEANDRO, V.A; PEREIRA, A.M.S. / Cadernos de Terapia Ocupacional / 2009.	Fundamentar e ilustrar a relevância da atuação do terapeuta ocupacional com crianças pré-escolares vítimas de violência doméstica abrigadas em casas-lares.

Contribuições da terapia ocupacional na atenção à crianças institucionalizadas vítimas de violência sexual / SANTOS, B.P. <i>et. al.</i> / Rev. NUFEN/ 2010.	Propor atividades de cunho terapêutico ocupacional, a fim de promover experiências saudáveis à crianças institucionalizadas.
Intervenções do lúdico-musical frente ao stress de crianças abrigadas, vítimas de violência doméstica / POLO, C.K; OLIVEIRA, V.B. / Bol. Acad. Paulista de Psicologia / 2011.	Investigar possível alteração no nível de estresse de crianças acolhidas, vítimas de violência doméstica após participação em intervenções lúdico-musicais grupais.
O brincar como espaço de prevenção e intervenção psicológicas em crianças e adolescentes / BARTH, F.L.B. <i>et. al.</i> / Barbarói/ 2012.	Relatar a experiência de um projeto de extensão voltado às crianças e aos adolescentes de duas casas abrigo do município Rondonópolis, Mato Grosso, no qual a equipe executora utilizou-se da manifestação das fantasias e da expressão de situações conflitivas a partir da proposição de atividades lúdicas variadas.
Oficinas lúdicas: favorecendo espaços de encontro para crianças abrigadas / JURDI, A.P.S. <i>et. al.</i> / Revista Ciência em Extensão / 2014.	Apresentar o projeto de Extensão Universitária Oficinas Lúdicas: Espaços de Encontro e Criação, o qual desenvolve atividades no âmbito interdisciplinar, envolvendo alunos e profissionais dos cursos de terapia ocupacional, psicologia, fisioterapia e serviço social.
Avaliação de um programa de promoção da saúde mental com crianças institucionalizadas/ PIMENTEL, A.F.C. <i>et. al.</i> / Psicologia em Revista / 2015.	Avaliar a eficácia de um programa de promoção da saúde mental.
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: O relato de experiência de estágio em uma casa de acolhimento de crianças / ALVES, A.G.F; LEMGRUBER, K.P. / Psicologia e saúde em debate / 2018.	Apresentar as aprendizagens obtidas durante o Estágio Básico II do 7º período do curso de Psicologia da Faculdade Patos de Minas, elucidando suas etapas, capacitando e auxiliando o graduando de Psicologia a lidar com a realidade em uma casa de acolhimento de crianças e adolescentes.
Intervenção com educadoras sociais no contexto de acolhimento institucional: Relato de experiência / BERNARDES, J.W; MARIN, A.H./ Revista da SPAGESP / 2019.	Relatar a experiência de uma intervenção com educadoras sociais realizada em uma casa de acolhimento institucional, que tinha como objetivo principal promover um espaço de escuta e reflexão sobre o trabalho com crianças em situação de acolhimento.

Pautados nos impactos da institucionalização para o desenvolvimento infantil, os estudos listados no quadro 2 propõem contribuições para a criação de uma realidade de acolhimento institucional que opõe-se à retratada na maioria dos estudos encontrados na discussão da categoria 1 desta revisão.

São artigos que se concentraram na atenção primária a estas crianças, centralizada no brincar, no lúdico, propiciando oportunidades de ação e compreensão, através da expansão de possibilidades de aprendizagem e melhoria de aspectos neuropsicomotores, afetivos e sociais (SANTOS *et al.*, 2010), a partir do pressuposto de que “o ambiente pode ocasionar uma contribuição fundamental na construção da identidade da criança, tanto positiva, como negativamente” (POLO; OLIVEIRA, 2011, p. 214).

Diante disto, infere-se que o acolhimento institucional deve compreender todos os cuidados possíveis para a prevenção de qualquer dificuldade ou transtorno decorrente da situação de vulnerabilidade já mencionada (BARTH *et al*, 2012). Estes cuidados devem

envolver uma equipe multidisciplinar, capaz de desempenhar uma abordagem mais ampla e resolutive.

Os profissionais que realizaram as intervenções nos trabalhos supracitados foram: psicólogos (60%), Terapeutas Ocupacionais (20%), havendo, ainda, trabalhos desenvolvidos por equipes multidisciplinares (20%), com a parceria entre psicólogos, músicos, pedagogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas e assistentes sociais.

Se de um lado existe a necessidade da institucionalização ser vista, entendida e compreendida sob diferentes perspectivas e campos de conhecimento, por outro lado, este dado aponta para a necessidade da produção de pesquisas interdisciplinares, vista a predominância da abordagem unidirecional, mesmo que de maneira generalista. Esta necessidade é consequência de que, toda área do conhecimento, por meio de sua abordagem específica, concebe instrumentos a fim de conhecer a realidade e os problemas a partir de um determinado ponto de vista, sendo capaz de revelar uma dimensão do humano. Consequentemente, essa visão fragmenta o objeto e o reduz. Em contrapartida, o enfoque multidisciplinar propõe uma síntese de conhecimentos específicos que objetiva o conhecimento humano em sua integridade, pressupondo um diálogo entre as diferentes ciências (FEUERWERKER; SENA, 1999).

Um das alterações em crianças institucionalizadas mais comumente relatadas na literatura são as de linguagem, todavia, nota-se a inexistência de estudos fonoaudiológicos no sentido de pensar a prevenção desses impactos, o que evidencia a necessidade dessa ciência aprofundar o seu conhecimento e seu fazer para esta população.

Quanto à execução das propostas de Educação em Saúde, todos os trabalhos optaram por realizar atividades em grupos, munidos de um cronograma de acontecimentos previamente delineado. Tendo em vista o público alvo, as metodologias empregadas fizeram uso do brincar. Essas atividades grupais tiveram enfoque socioeducativo, a fim de trabalhar aspectos relativos a todas as questões que rodeiam a vivência institucionalizada (ALVES; LEMGRUBER, 2018).

Quando se aborda o brincar, deve-se levar em consideração que não se trata apenas de um divertimento, mas de um método que facilita a elaboração de ideias, de relações lógicas, integração de percepção, resolução de problemas, estimulando, ainda, a criatividade e autonomia, além de propiciar a inserção da criança no mundo simbólico e na linguagem (BARTH *et al*, 2012).

Muitas vezes, é também através do brincar que a criança externaliza traumas e medos e capta ferramentas para superá-los. Isto pode ser exemplificado com um estudo

de intervenção sociopsicodramática (PINTO; LIMA; COSTA, 2009), que verificou que, em contraste com os demais integrantes de um dado grupo, uma das crianças maltratava uma boneca, e, quando questionada a motivação, informou que “aquela criança não servia para nada”. Isto reflete tanto a rejeição sofrida pela criança, quanto serviu como caminho para que as interventoras a explicassem que nem sempre o afastamento da família é decorrente da falta amor, ajudando a criança a entender e superar o trauma.

Em todos os estudos, a intervenção foi iniciada através do estabelecimento do vínculo com a criança, sendo frequentes os relatos de dificuldades nesta etapa, provenientes de comportamentos agressivos e desafiadores por parte das mesmas (LEANDRO; PEREIRA, 2009). Foram relatadas também dificuldades no estabelecimento de vínculos com a própria equipe cuidadora, que considerava o trabalho irrelevante no início, mas que, aos poucos, compreendeu suas implicações (JURDI *et al.*, 2014).

É imprescindível dar atenção a esta equipe, pois é ela quem acompanha, na maior parte do tempo, estas crianças e acaba sendo a referência de adulto mais próxima que o sujeito acolhido possui. Assim, a literatura tem cada vez mais direcionado atenção aos cuidadores, chegando, inclusive, a constatar que frequentemente eles estão mais preocupados com a rotina da instituição, que inclui dar banho, alimentar, tarefas domésticas (JURDI *et al.*, 2014), que com o próprio desenvolvimento infantil.

Neste sentido, é importante que se atente para as atitudes dos cuidadores e sua interação com o sujeito acolhido, o que justifica que, para intervir na qualidade de vida e promoção de bem estar das crianças, é necessário também trabalhar com os adultos que o cercam. Pensando nisso, Bernardes e Marin (2019) propuseram uma intervenção com um grupo de cuidadoras, provocando reflexões sobre seu papel no acolhimento e concepções a cerca de seu trabalho e da criança, onde os profissionais destacaram escassez de assistência e investimento em educação continuada. As educadoras avaliaram que o espaço do grupo possibilitou momentos para pensar sobre o seu fazer, bem como permitiu dividir sentimentos como frustração e tristeza, avaliando como positiva a sistematização dos encontros.

A literatura estudada foi unânime ao afirmar que as ações executadas no âmbito institucional foram relevantes para o contexto educacional, através da melhoria da convivência, crescimento dos laços afetivos, mudanças de posturas e condutas dos cuidadores, permitindo a ampliação da capacidade de expressão e o manejo de situações conflitivas a partir do brincar, contribuindo, assim, para o bem-estar dos sujeitos

assistidos (BARTH *et al.*, 2012; SANTOS *et al.*, 2010). Desta forma, pode-se afirmar que uma intervenção adequada às necessidades e características da população-alvo, implantada em idades precoces do desenvolvimento e realizada em colaboração com os diferentes agentes educativos, centrando-se no processo de empoderamento da criança parece trazer benefícios (PIMENTEL *et al.*, 2015).

4 CONCLUSÃO

Dado o exposto, observa-se a relevância de ações de Educação em Saúde para o adequado desenvolvimento de crianças institucionalizadas. Contudo, é necessário levar em consideração que, apesar dos benefícios alcançados, todas as intervenções desenvolvidas possuíam caráter transitório, em um cenário em que indivíduos estão constantemente sujeitos a eventos estressores, o que fundamenta a necessidade de ações permanentes, considerando que se tratam de crianças que estão totalmente à luz das políticas públicas. Desta forma, existe a necessidade do desenvolvimento e aprimoramento de políticas públicas que assistam essa demanda e que estejam adequadas à realidade desta população, respeitando seus direitos e considerando o conceito ampliado de saúde.

No mais, foi verificado ausência do fonoaudiólogo nas equipes de intervenção, apesar de frequentes alterações de linguagem oral e escrita neste público. Este dado desvela a importância de futuros estudos a respeito e traz a tona questões como: quais seriam as implicações da intervenção fonoaudiológica neste grupo de risco? Existem impactos fonoaudiológicos ainda não relatados na literatura?

Por fim, evidencia-se a impossibilidade de alguns setores, por si só, atenderem e alcançarem as transformações necessárias. Compreendendo a Educação em Saúde como um processo e dado o aspecto multifacetado da institucionalização, é imprescindível que diferentes agentes e diferentes ciências atuem na modificação dos determinantes e condicionantes de saúde da população em estudo, com ações que envolvam a comunidade, de maneira interdisciplinar, através de uma troca de saberes constante.

REFERÊNCIAS

- ABAID, J.L.W. *et. al.* Preditores de sintomas depressivos em crianças e adolescentes institucionalizados. *Universitas Psychologica*, v. 9, n. 1, p. 199-212, 2010.
- ABREU, S.R. Crianças e adolescentes em situações de risco no Brasil. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 24, n. 1, p. 5-6, 2002.
- ALVES, A.G.F; LEMGRUBER, K.P. Acolhimento institucional: O relato de experiência de estágio em uma casa de acolhimento de crianças. *Psicologia e Saúde em debate*, v. 4, n. 3, p. 32-45, 2018.
- BACKES, D.S. *et. al.* Trabalho em equipe multiprofissional na saúde: da concepção ao desafio do fazer na prática. *Disciplinarum Scientia*, v. 15, n. 2, p. 277-289, 2016.
- BARTH, F.L.B. *et. al.* O brincar como espaço de prevenção e intervenção psicológicas em crianças e adolescentes. *Barbarói*, v. 1, n. 37, p. 235-250, 2012.
- BERNARDES, J.W; MARIN, A.H. Intervenção com educadoras sociais no contexto de acolhimento institucional: relato de experiência. *Revista SPAGESP*, v. 20, n. 2, p. 117-130, 2019.
- BUFFA, C.G. *et. al.* Vivências de exclusão em crianças abrigadas. *Psicologia: teoria e prática*, v. 12, n. 2, p. 17-34, 2010.
- CORDOVIL, C. *et. al.* Resiliência em crianças e adolescentes institucionalizados. *Acta Medica Portuguesa*, v. 24, n. 1, p. 413-418, 2011.
- COSTA, C.C. *et. al.* Perfil biopsicossocial de crianças e adolescentes institucionalizados. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 11, n. 17, p. 1-7, 2019.
- DESTRO, C.M.A; SOUZA, L.A.P. Linguagem oral e escrita em adolescentes infratores institucionalizados. *Revista CEFAC*, v. 14, n. 6, p. 1020-1027, 2012.
- FEUERWERKER, L.C.M; SENA, R.R. Interdisciplinaridade, trabalho multiprofissional e em equipe. Sinônimos? Como se relacionam e o que têm a ver com a nossa vida. *Revista Olho Mágico*, v. 5, n. 18, p. 5-6, 1999.
- FIGUEIRA, M.C.S; SOUZA, J.S; FARIAS, E.J.S. Práticas educacionais em saúde com crianças de creche no município de Santarém-PA: um relato de experiência. Revista Brasileira de Educação e Saúde*, v. 5, n. 4, p. 01-04, 2015.
- FRANCO, E.C; LOPES, A.C; LOPES-HERRERA, S.A. Linguagem receptiva e expressiva de crianças institucionalizadas. *Revista CEFAC*, v.16, n. 6, p. 1837-1841, 2014.
- GANONG, L.H. Integrative reviews of nursing research. *Research in nursing & health*, v. 10, n. 1, p. 1-11, 1987.

HALPERN, R; FIGUEIRAS, A.C.M. Influências ambientais na saúde mental da criança. *Jornal de Pediatria*, v. 80, n. 2, p. 104-110, 2004.

JURDI, A.P.S. *et. al.* Oficinas lúdicas: favorecendo espaços de encontro para crianças abrigadas. *Revista Ciência em Extensão*, v.10, n.1, p. 62-71, 2014.

KAPPLER, S.R; MENDES, D.M.L.F. Trocas Afetivas de Crianças em Escolha Institucional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 39, n. 1, p. 1-13, 2019.

LEANDRO, V.A; PEREIRA, A.M.S. Intervenção em terapia ocupacional em casas-lares com crianças pré-escolares vítimas de violência Doméstica: relato de experiência. *Cadernos de Terapia Ocupacional*, v. 17, n.1, p. 53-62, 2009.

LIMA, A.K.P; LIMA, A.O. Perfil do desenvolvimento neuropsicomotor e aspectos familiares de crianças institucionalizadas na cidade do Recife. *CES Psicologia*, v. 5, n. 1, p. 11-24, 2012.

MISQUIATTI, A.R.N. *et. al.* Desempenho de vocabulário em crianças pré-escolares institucionalizadas. *Revista CEFAC*, v. 17, n. 3, p. 783-791, 2015.

NÓBREGA, J.N; MINERVINO, C.A.S.M. Análise do nível de desenvolvimento da linguagem em crianças abrigadas. *Psicologia Argumento*, v. 29, n. 65, p. 219-226, 2017.

PIMENTEL, A.F.C. *et. al.* Avaliação de um programa de promoção da saúde mental com crianças institucionalizadas. *Psicologia em Revista*, v. 21, n. 2, p. 218-234, 2015.

PINHEL, J; TORRES, N; MAIA, J. Crianças institucionalizadas e crianças em meio familiar de vida: Representações de vinculação e problemas de comportamento associado. *Análise Psicológica*, v. 27, n. 4, p. 509-521, 2009.

PINTO, A.C.B; LIMA, E.O; COSTA, A.B.V. Um espaço para ser: sociopsicodrama em um abrigo para crianças. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. 17, n. 1, p. 137-154, 2009.

POLO, C.K; OLIVEIRA, V.B. Intervenções do lúdico-musical frente ao stress de crianças abrigadas, vítimas de violência doméstica. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, v. 80, n. 1, p. 210-230, 2011.

RABY, K.L. *et. al.* Enhancing the language development of toddlers in foster care by promoting foster parents' sensitivity: Results from a randomized controlled trial. *Developmental Science*, v. 22, n. 2, p. 1-9, 2018.

SANTOS, B.C.A. *et. al.* Características emocionais e traços de personalidade em crianças institucionalizadas e não institucionalizadas. *Boletim de Psicologia*, v. 60, n. 133, p. 139-152, 2010.

SANTOS, B.P. *et. al.* Contribuições da terapia ocupacional na atenção a crianças institucionalizadas vítimas de violência sexual. *Revista do NUFEN*, v. 2, n. 2, p. 75-89, 2010.

SILVA, M.I; PELAZZA, B.B; SOUZA, J.H. Educação e saúde: relato de experiências de ações educativas para saúde em comunidades socialmente vulneráveis. *DiversaPrática*, v. 3, n. 1, p. 17-40, 2016.

SIQUEIRA, A.C.; DELL'AGLIO, D.D. O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura. *Psicologia & sociedade*, v.18, n.1, p.71-80, 2006.

SIQUEIRA, A.C; DELL'AGLIO, D.D. Crianças e adolescentes institucionalizados: desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, v. 26, n. 3, p. 407-415, 2010.

SOUZA, M.T; SILVA, M.D; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein*, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

TORQUATO, J.A. *et. al.* Prevalência de atraso do desenvolvimento neuropsicomotor em pré-escolares. *Journal of Human Growth and Development*, v. 21, n. 2, p. 259-268, 2011.